

Sintunesp repudia ofensas racistas contra profissionais da saúde em Botucatu

O Sindicato dos Trabalhadores da Unesp (Sintunesp) soma-se às entidades que repudiam o ato de racismo ocorrido em Botucatu, que atingiu dois profissionais da saúde: a enfermeira aposentada da Unesp, Luzia Aparecida Martins da Silva, professora no Colégio Técnico Maria Vitória, e o enfermeiro do Hospital das Clínicas, José Carlos Camargo, o Zeca, coordenador de Esportes da Associação dos Servidores da Unesp de Botucatu (ASU), além de coordenador do Curso Técnico de Enfermagem do mesmo Colégio.

Ambos foram atacados de maneira vil por uma aluna do Colégio, em áudio enviado por ela num grupo de estudantes do curso. Incomodada com o encaminhamento dado pelo coordenador a um pedido feito pelos estudantes da turma durante uma reunião *online*, a aluna usou expressões racistas explícitas para atacar a ele e à professora. Após ofender o coordenador com a expressão “nego sujo”, ela afirma: “Sou descendente de negros, mas vou falar... deu poder pra negro é isso aí que dá. Sou descendente com muito orgulho, mas é gente nojenta, deu poder é isso aí que dá”.

Incomodada com a mensagem, outra estudante do grupo decidiu encaminhá-la aos ofendidos, que imediatamente fizeram boletim de ocorrência. Segundo o delegado que apura o caso, Marcelo Lanhoso de Lima, o inquérito



está instaurado e, de acordo com o artigo 140, parágrafo 3 do Código Penal Brasileiro, caso seja confirmada a injúria racial, a pena prevista é de um a três anos de prisão.

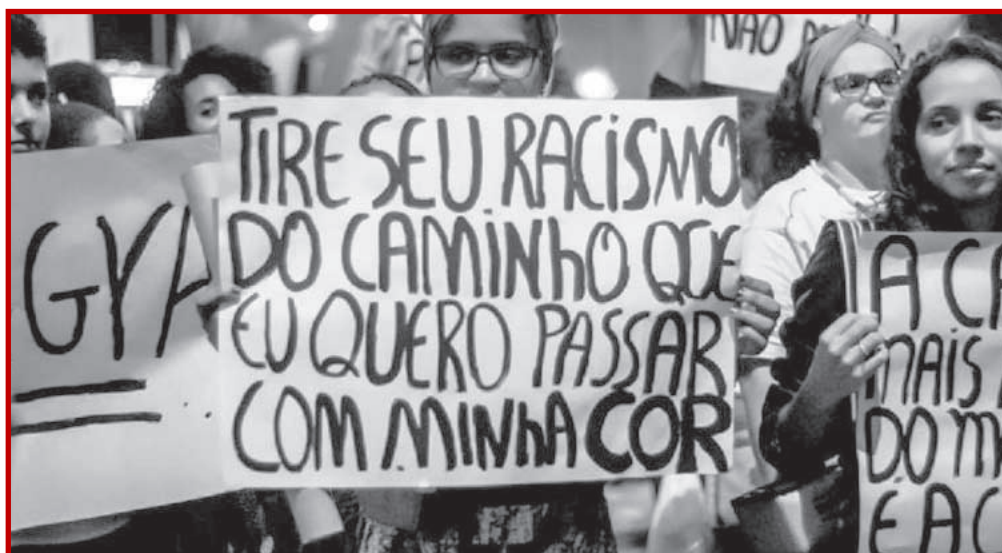
Como profissional da enfermagem, Zeca atua na linha de frente no combate à pandemia de Covid-19, mas precisou dispor de seu tempo precioso para lavrar o BO. Em entrevista ao telejornal *TEM Notícias* (<https://globoplay.globo.com/v/9429525/>), Zeca relatou seu sentimento

diante do ataque: “Ofendido, magoado, menosprezado. Estudei e estudo muito, desde o curso de Auxiliar, depois Enfermagem, tenho quatro especializações, mestrado e faço doutorado. Senti em nome de toda a comunidade negra. Podemos, sim, ter cargo de comando, por que não? Espero que seja feita justiça. Somos profissionais capacitados pelo que somos, e não pela cor.”

O Sintunesp faz coro com a indignação de todos os que não compactuam com nenhum tipo de discriminação racial, social ou de gênero. Em tempos de banalização da violência e da discriminação, como vivemos atualmente no Brasil, que estimulam pessoas a expor com mais tranquilidade seus preconceitos, é fundamental não deixarmos que fatos como o ocorrido em Botucatu sejam banalizados.

A agressão a qualquer pessoa, motivada por sua condição étnico-racial, avilta valores civilizatórios mais fundamentais. O apartheid brasileiro, que tem existência de fato, deve ser combatido em todas as suas manifestações. A agressão perpetrada contra os profissionais de Botucatu, infelizmente, nos adverte que ainda estamos longe de patamares básicos de convivência social e de respeito humano aceitáveis num ambiente minimamente democrático.

Expressamos aqui nossa total solidariedade a eles e nosso mais veemente repúdio ao ataque racista que sofreram.



Igualdade racial: Luta histórica e ainda atual (Reprodução: MAM)